

A confirmação da existência

Silvina Rodrigues Lopes
Universidade Nova de Lisboa

Numa sociedade onde não há dissimulação, onde cada um age segundo o seu temperamento, a graça e a satisfação não podem reinar por muito tempo; naquela onde se dissimula sempre, elas não têm lugar. Nenhum mal haverá pois se, a princípio, adoptarmos a dissimulação, e seguidamente, sob a máscara, formos tão sinceros quanto quisermos.

Goethe

A atenção que a literatura onde se expõe o desígnio fundamental de deixar provas que atinjam o improvável da vida, a chamada literatura autobiográfica, tem merecido nas últimas décadas é sintomática de uma consciência da crise que abala o campo literário. Um dos aspectos dessa crise é a tensão entre o reforço institucional da figura do autor e a consciência de que, sendo esse reforço cada vez mais uma imposição do *marketing* cultural, submeter-se-lhe é render-se a um negócio de mitos, que não tem por base nenhum tipo de crenças e funciona simplesmente como mecanismo homogeneizador, aquilo a que a literatura é suposta resistir. É a compreensão desta situação que é sobretudo visada nas reflexões que se seguem, escritas a partir da leitura de *Máscaras de Narciso*, de Clara Rocha. Com este livro, estamos perante um estudo, imprescindível e único no domínio dos estudos literários em Portugal, através do qual se constrói a evidência de um vasto campo de investigação até aqui apenas vislumbrado em trabalhos sobre problemáticas parcelares, de diferentes modos relacionados com o domínio autobiográfico. Tal evidência deve-se sem dúvida antes de mais à consonância do método e do projecto de livro através da articulação de teoria e leituras.

Em relação à exposição teórica que constitui a parte introdutória, parece-nos importante ressaltar, antes de mais, o rigor colocado na atenção dada ao estudo do problema por um grande número de teorizadores que dele se ocuparam (note-se que, do ponto de vista ético, nunca a referência aos tra-

balhos de outros autores sobre a mesma questão se pode confundir com o recurso à autoridade como modo de legitimação; do ponto de vista metodológico, a apresentação do estado do problema, e por conseguinte dos contributos mais relevantes, constitui uma regra fundamental do funcionamento das comunidades científicas, uma vez que, embora admitindo que não existe progresso absoluto, aqueles nunca podem pôr o progresso absolutamente em causa, sob pena de autonegação).

Da indagação teórica que Clara Rocha prossegue de modo acentuadamente pedagógico decorrem alguns princípios básicos para a compreensão da literatura autobiográfica, designação genérica que identifica um tipo de textos construídos a partir da coincidência da pessoa que fala e daquela de quem fala. Em primeiro lugar, a autora dá especial relevo ao facto de os diversos tipos de discurso ou subgéneros englobados naquela designação existirem sempre integrados em jogos de forças que definem diferentes situações históricas. Daí que a importância que a literatura do eu assume actualmente não corresponda a uma mera questão de estilo, e muito menos de moda, mas constitua já resposta a uma determinada orientação das transformações sociais. À dissolução das comunidades tradicionais e à consequente perda dos laços que constituem um sentido partilhável sucedem-se, com a modernidade, os ideais individualistas de autenticidade, os quais implicam ainda o compromisso com modelos de organização social. Hoje em dia, a substituição desse compromisso pelo assumir de relações meramente instrumentais tende a fazer com que a preocupação com o indivíduo enquanto simples parcela autónoma, e por conseguinte com o sentido de um eu inteiramente voltado sobre si próprio, se torne omnipresente. Até certo ponto, esta deslocação veio não só legitimar a existência dos géneros autobiográficos, e conferir-lhes um estatuto que por vezes os coloca a par dos géneros maiores, mas também exigir a reavaliação dos ideais individualistas da autenticidade. Numa análise mais aprofundada, porém, é preciso notar que estes dois aspectos são indissociáveis da chamada «viragem linguística» enquanto mudança do paradigma da filosofia da consciência para o da filosofia da linguagem. A referida viragem, que tem como marco decisivo as *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, não correspondeu a uma ruptura definitiva, e os equívocos quanto à relação entre linguagem e mundo continuam a resultar de se pretender dissociá-los. É por isso que ainda hoje se coloca em alternativa a concepção do eu como efeito textual e a do eu como realidade exterior e anterior. Clara Rocha, que resume essa oposição, não julga possível escolher apenas um dos campos: «A natureza especular desta literatura, por um lado, faz-nos acreditar no eu que está por detrás das máscaras; a opacidade da linguagem, por outro, faz-nos descrever dessa realidade. Na ambivalência da sua natureza, o eu é ainda e sempre razão de ser de uma busca afinal impossível» (47). Acrescentaríamos que a contiguidade entre a lin-

guagem e o exterior nos permite ver nesta «busca afinal impossível» a busca do impossível, o fazer do acto de escrita um acontecimento – a inscrição do tempo no seu passar e não como sucessão de etapas. Por outras palavras, um gesto que sem anular o sentido o deixa suspenso de um ritmo, um grão de voz, uma fala; um gesto que é experiência do singular. É a suspensão do sentido que converte o texto em enigma, outro modo de dizer a ambivalência, de a figurar como situação limite, como risco de perda e não como negação daquilo que constitui uma identidade, uma memória. É nessa medida que talvez se possa falar dos géneros autobiográficos como confirmações do existir – provas, nunca inteiramente decifráveis, do que é sem garantias.

Apesar de todas as obras que constituem um género serem sempre historicamente situadas e não ser possível prever a evolução das suas formas a partir de arquétipos, a delimitação de qualquer género como objecto de estudo implica a apresentação de características essenciais desse género. Não cabe aqui resumir as distinções que Clara Rocha estabelece entre o diário, a autobiografia, as memórias ou o retrato, mas apenas dizer que aquilo que a todas reúne – a já referida busca do eu – deixa ler uma espécie de resistência da literatura autobiográfica a uma formulação definidora precisa. A continuidade que se reafirma é a de uma problemática, e portanto de um objecto cujo estatuto é incerto, variável em função de perspectivas teóricas.

Quer através do enquadramento teórico, quer das leituras que, para além de corresponderem à necessidade de inventariação e avaliação mínima de um *corpus*, decorrem em permanente confronto com os pressupostos teóricos que as suportam, a demarcação de fronteiras a que o estudo de Clara Rocha procede não deixa de pôr em evidência a instabilidade constitutiva das mesmas. Trata-se de uma instabilidade que é afinal a da própria ideia de literatura, uma vez que já a natureza frágil e paradoxal desta se afirma em aliança com o mito de Narciso. Com efeito, sendo «sobretudo a partir do romantismo que se desenvolvem as várias formas de literatura autobiográfica» (16), esta integra-se perfeitamente no impulso a partir do qual se instaura a própria literatura. A vontade de expressão é acompanhada da negação da subjectividade: aquele que escreve desce ao fundo da própria alma, aí onde já nenhum reconhecimento é possível, onde «Je est un autre», segundo a célebre expressão de Rimbaud. Maurice Blanchot chama-nos a atenção para um traço importante do mito de Narciso – ao debruçar-se sobre as águas, Narciso não se reconhece e por conseguinte não é por si que se enamora, é pela imagem. A distância que assim se abre entre o eu e a imagem é já destruição de toda a identidade nascente: «Oui, mythe fragile, mythe de la fragilité où dans l'entre-deux tremblant d'une conscience qui ne s'est pas formée et d'une inconscience qui se laisse voir et ainsi fait du visible le fascinant, il nous est donné d'apprendre l'une des versions de l'imaginaire selon laquelle l'homme – est-ce l'homme? –, s'il

peut se faire selon l'image, est plus certainement exposé au risque de se défaire selon son image, s'ouvrant alors à l'illusion d'une similitude, peut-être belle, peut-être mortelle, mais d'une mort évasive qui est toute dans la répétition d'une méconnaissance muette» (*L'Écriture du désastre*, 1980: 194).

Ao dar o título *Máscaras de Narciso* ao seu estudo, Clara Rocha acentua a fragilidade dos discursos autobiográficos mas não nega a sua intensidade ou verdade. A máscara é ao mesmo tempo protecção e desnudamento, ela não imita um rosto nem o dissimula – revela o impossível desse rosto, fazendo com que a imagem idêntica entre em relação com a imagem do outro. O espaço autobiográfico é desse modo apresentado como uma construção de relações metonímicas que se estendem a toda a obra de um escritor através de um movimento que ao mesmo tempo unifica e difere a unidade para o infinito.

Mas o estudo de Clara Rocha não limita o imaginário de onde procede a literatura autobiográfica a uma ligação exclusiva ao mito de Narciso. Para além do equilíbrio precário entre fixação e fuga, em que consiste o principal da lição daquele mito, apontam-se outras figuras que preenchem o imaginário dos que buscam reunir o que na experiência é multiplicidade e dispersão encontrando como suporte a afirmação do eu. São elas: o Centro do Mundo, a Criação do Mundo, o labirinto, a insularidade que revela a natureza dupla da palavra (monólogo/diálogo).

Não há dúvida que, perseguindo diferentes figuras, os autobiógrafos desencadeiam estratégias de escrita diferentes, que se distanciam sobretudo em função do modo como assumem a autoridade própria, considerando-se ou fundadores de discursividade – em rivalidade com o deus da Criação – ou desapropriados de si à nascença pela alienação na linguagem como espaço do comum. No primeiro caso a escrita é redenção, mas tornando-se infinita (pois da finitude da existência nenhum eu pode dar conta, uma vez que ninguém pode falar da própria morte) é condenação ao impossível. No segundo, desde logo a impossibilidade de assinar um texto sem que a assinatura do outro se contraponha é já condenação à perda, que encontra através da escrita a hipótese de redenção na promessa de um dizer em excesso sobre a subjectividade ou a intersubjectividade. Assim se compreende que certos autores afirmem não falar senão deles próprios através das suas obras romanescas ou poéticas. Aquilo que faz com que nos géneros autobiográficos, a par do mito da fragilidade, o de Narciso, estejam em destaque mitos e figuras da autoridade associa-se à diferença específica que os constitui – a intencionalidade está neles votada à construção de uma imagem do autor – fazendo deles um lugar privilegiado da interrogação sobre o literário, sobre a sua condição aporética feita da resistência inconsciente à afirmação intencional.

Não sendo possível acompanhar aqui as leituras que nos são propostas, digamos que, de um modo sintético, elas reiteram uma das lições a tirar da

globalidade do estudo – a de que, sendo possível e desejável encontrar características definidoras de diversos géneros e subgéneros, nunca esse quadro teórico se justapõe inteiramente aos textos singulares, pelo que o imprevisível que atravessa a literatura do eu se relança na leitura em que o universal da argumentação se expõe ao desvio que resulta ainda, para cada um, do jogo de proximidade entre o rosto e as máscaras. Por tudo isso, *Máscaras de Narciso* não tem uma função totalizadora, mas, sublinhe-se, de abertura de um campo de pesquisas à criatividade das leituras.

Rocha, Clara, *Máscaras de Narciso*, Coimbra, Almedina, 1992.